

MUNDO GRÁFICO



Uma chama
divina
de espiritualidade
no
manto profundo
da noite



ATENÇÃO

Amadores Fotográficos!

O VOSSO CONCURSO

O "MUNDO GRÁFICO", revista de actualidades nacionais e internacionais, no intuito de concorrer para o desenvolvimento da fotografia artística em Portugal, que tão altas manifestações de beleza está revelando, inicia hoje um valioso concurso entre os não profissionais de todo o país. O formato da nossa revista e a sua magnífica impressão permitem dar a todos os clichés, não, apenas, uma reprodução quasi perfeita, mas ainda publicá-las com amplitude. Aceitamos todas as fotografias que digam respeito à vida, costumes, fainas do mar e do campo, e monumentos, tipos, expressões de arte — quer rurais, quer citadinas.

Devemos, no entanto, dizer que, dentro do carácter do "Mundo Gráfico", serão acolhidas com verdadeiro entusiasmo, tendo, portanto, a primasia, todas as fotografias que foquem aspectos citadinos e nelas, o pormenor humano, o caso curioso, o flagrante da rua. Como os acontecimentos se revestem de vários aspectos, o concorrente pode enviar-nos mais dumã fotografia sôbre o mesmo assunto, (não mais de três) sempre que se lhe depare interesse, ou a actualidade do acontecimento o justifique.

EIS AS BASES DO CONCURSO FOTOGRÁFICO DO "MUNDO GRÁFICO":

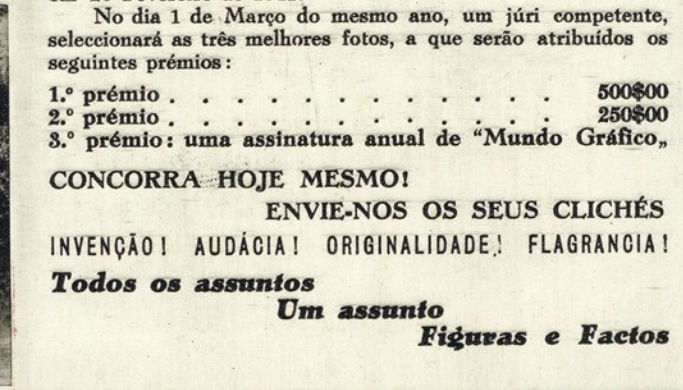
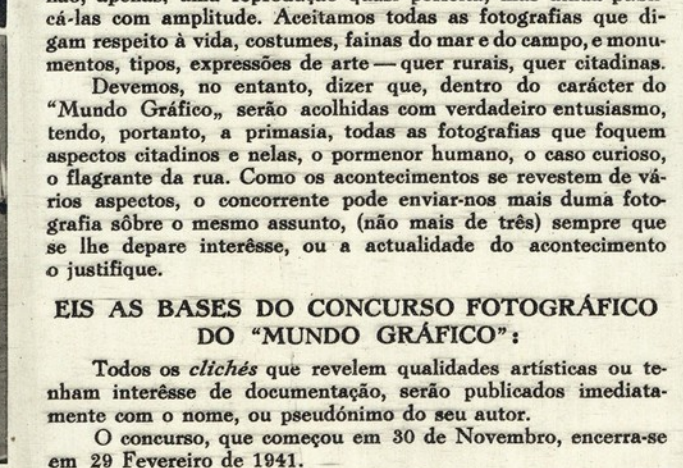
Todos os clichés que revelem qualidades artísticas ou tenham interesse de documentação, serão publicados imediatamente com o nome, ou pseudónimo do seu autor.

O concurso, que começou em 30 de Novembro, encerra-se em 29 Fevereiro de 1941.

No dia 1 de Março do mesmo ano, um júri competente, seleccionará as três melhores fotos, a que serão atribuídos os seguintes prémios:

1.º prémio	500\$00
2.º prémio	250\$00
3.º prémio: uma assinatura anual de "Mundo Gráfico",	

CONCORRA HOJE MESMO!
ENVIE-NOS OS SEUS CLICHÉS
INVENÇÃO! AUDÁCIA! ORIGINALIDADE! FLAGRANCIA!
Todos os assuntos
Um assunto
Figuras e Factos



Sumário:

A INTERVENÇÃO DA AMÉRICA, por «O Observador»

DUFF COOPER, biografia

O CHEFE DO ESTADO FALANDO AO MICROFONE, página gráfica

COMO VIVEM AS CRIANÇAS INGLÊSAS, por Daphre Clare

O NOVO EMBAIXADOR DE INGLATERRA, página gráfica

O CASTELO, BRAZÃO DA CIDADE

A PÁTRIA DE ERASMO

A MOTORIZAÇÃO DO EXÊRCITO BRITANICO, página gráfica

A ALA DOS NAMORADOS, página gráfica

A NOVA CHINA, por Salvador Saboya

DUPLA PÁGINA COM FOTOGRAFIAS INÊDITAS DA GUERRA

O BAILADO..., DOS PÊS, por César dos Santos

AS JOIAS DA COROA, por Olive Moore

TRÊS EXÊRCITOS, página gráfica

TRABALHO CANTADO..., por Luis Reis Santos

O CONCURSO FOTOGRÁFICO DA EXPOSIÇÃO, página gráfica

FIGURAS E FACTOS

A VIRGEM, de Rachel Bastos

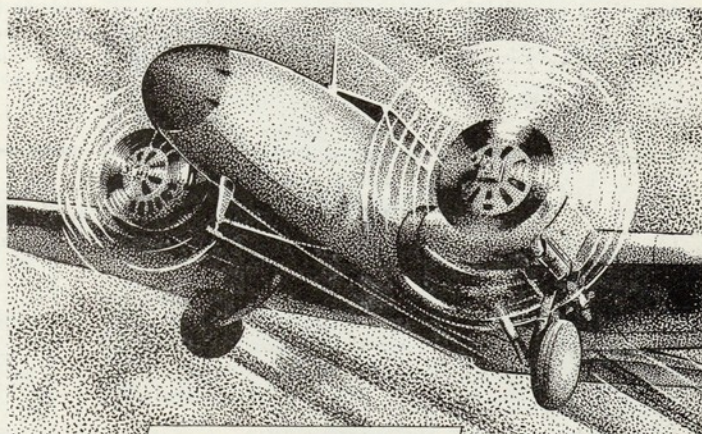
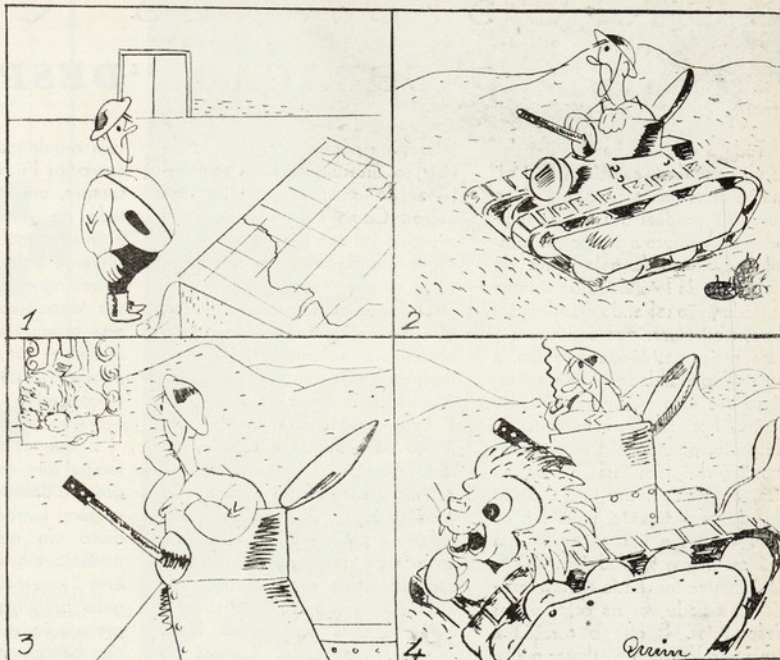
MYRTIOTISSA, por Lílka Tanaís

O MAIS CÉLEBRE GOAL DE PORTUGAL, por Fernandes de Oliveira

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

ESTRÉLA E VIOLETA, novela de Rodrigo de Mello

UM NOVO FILME PORTUGUÊS, DE J. R.



TEMPO
e dinheiro!..

Faça do

ETERNA

*o seu companheiro
fiel que garante a pon-
tualidade em todos os
atos de sua vida.*

**NAS BÔAS RELOJOARIAS
E OURIVESARIAS**

*Para
conhecer
Portugal
consulte
a C. P.*

Informações:

em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do

Tráfego — Telefone 2 4031

— no Pôrto, na estação de

S. Bento — Telefone 1722

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

O CORAÇÃO "DESPORTIVO"

Tôda a gente sabe que um dos resultados dos exercícios físicos, metódicamente efectuados, é o aumento gradual das massas musculares. A pouco e pouco, os músculos desta ou daquela parte do corpo, ou da totalidade do sistema muscular, vão sofrendo modificações na sua estrutura, que conduzem a uma maior resistência à fadiga, a uma adaptabilidade rápida ao esforço e a uma maior eficiência de acção. Por isso, os homens de desporto, quando são inteligentemente dirigidos na cultura física, apresentam um tipo especial de desenvolvimento muscular ao qual devem a sua «aisance» nas práticas a que se dedicam.

A mesma influência de tais exercícios se pode ver no coração dos desportistas. É que o coração é um músculo como qualquer outro. Tem, é claro, propriedades especiais, como a de se contrair independentemente da vontade, coisa que não acontece à generalidade dos outros músculos. Além disso, a sua estrutura íntima é diferente da dos músculos voluntários. Mas, afora essas discordâncias que não

interessam para o nosso ponto de vista, o músculo cardíaco comporta-se de maneira idêntica aos outros. Como tal, a influência do exercício vai também repercutir-se sobre êle da forma que vamos vêr.

Digamos, em primeiro lugar, que o coração normal do adulto ocupa um volume ligeiramente superior ao de um punho fechado. A parte mais larga do coração — a base — está para cima e um pouco para direita e excede, em certos pontos, o limite direito do esterno (osso central anterior da caixa torácica). A parte mais afilada — a ponta — está à esquerda, aproximadamente no sítio de cruzamento duma perpendicular baixada do mamilo esquerdo sobre a quinta costela do mesmo lado. Acontece que certas doenças do coração têm, por especial característica, o aumento de volume e a dilatação daquele órgão. Essa dilatação é, às vezes, tão grande que o músculo cardíaco chega a ocupar a maior parte do tórax.

Ora bem: nos desportistas, isto é, nos indivíduos que praticam,

com regularidade e com método, exercícios físicos, encontra-se, quasi sempre, um coração muito aumentado de volume em relação ao normal, como se pode verificar facilmente pela radioscopia e pelos outros meios que o médico tem à sua disposição. Esse aumento e essa forma típicos do coração dos atletas — que, aliás, não corresponde a qualquer perturbação — é conhecido em medicina pelo "coração desportivo".

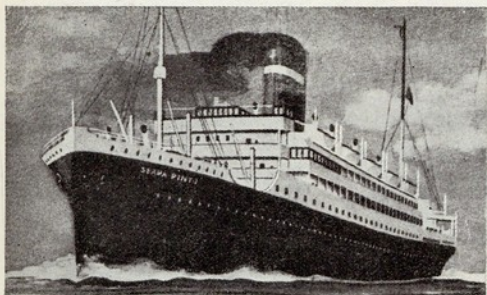
É que os desportos ao mesmo tempo que condicionam um progressivo desenvolvimento muscular, exigem, também, do músculo cardíaco um maior rendimento e, portanto, um maior esforço. Quando esse "superavit", de esforço é exigido brutalmente, sem uma boa preparação, o resultado é o coração baquear por não poder responder ao que lhe é pedido. Então, o coração, igualmente, se pode dilatar, mas já não é uma dilatação fisiológica, quer dizer, normal. Se, pelo contrário, o músculo cardíaco foi sujeito a um aumento, perfeitamente regulado, de esforço, então poderá mos-

trar-se à altura do que lhe é exigido. Sob a influência do exercício, as paredes musculares do coração aumentam de espessura, tornam-se mais fortes e contraem-se com a energia necessária à efectivação do esforço físico. Isso condiciona um aumento da massa cardíaca que, como dissémos, é perfeitamente normal.

Com a paralisação, por parte do indivíduo, dos exercícios a que se dedicou, o coração regressa, igualmente, à sua primitiva forma, pois que para a realização da vida de todos os dias, já não é preciso tal desenvolvimento do órgão. Podemos resumir o que referimos, em duas palavras: o coração, como qualquer outro músculo, adapta-se maravilhosamente, desenvolvendo-se, às necessidades do indivíduo, nas diferentes fases da sua vida. Convém, contudo, não esquecer que essa faculdade de adaptação não se mostra brusca-mente, mas sempre ao fim dum prazo mais ao menos longo.

Amílcar Moura

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a Africa em linhas rápidas —

O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

PAQUETES

«Serpá Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 «
«Malange»	5.050 «
«Lobito»	4.200 «
«Sena»	1.420 «

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — **Tel. 2.0051**

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — **Tel. 2.342**

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Pôrto

Tio Pepe
Amorosa
A. B.
Nectar
Solera 1847

Jerez

3 Copas
Soberano
Insúperable

Aguardentes
Jerezanas

Superior Tawny
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port.»

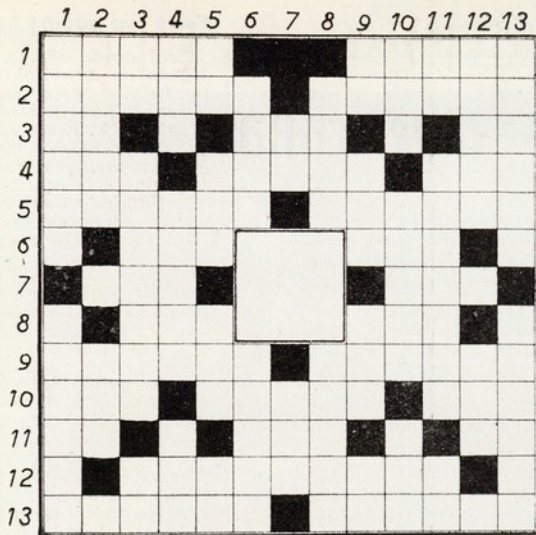
Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LADLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)



PROBLEMA N.º 7

HORIZONTAIS

- 1 — Princípio morbífico de certas doenças contagiosas; reprimis.
- 2 — Domínio britânico do norte de África; idem da América do Norte.
- 3 — Não nomeado (abrev.); progenitor; artigo antigo.
- 4 — Chá em inglês; base naval inglesa do Mediterrâneo; fluido aeriforme.
- 5 — Massas de pedra extremamente duras; beija.
- 6 — Título de chefe etíope; ao presente.
- 7 — Tritura; data.
- 8 — Diligência; nome duma letra grega.
- 9 — Fumaça; fiozinhos.
- 10 — Moeda de prata da Índia inglesa, correspondente à 16.^a parte da rupia; grande domínio britânico da Ásia; moeda de Macau e Timor.
- 11 — Observei; nome de árvore, cuja casca aromatiza o vinho; artigo árabe.
- 12 — A maior ilha da Oceania.
- 13 — Sugira; resgatavas.

VERTICAIS

- 1 — Cavidade abdominal; cortês.
- 2 — Da cor do fogo; líguci.
- 3 — Alegra-se; discurso ou canto harmonioso; nociva (inv.)
- 4 — Interj. de incitamento para fa-

- zer saltar; Base inglesa na Palestina; por baixo.
- 5 — Santo (abrev.); dificuldade; acrescente; senhor (abrev.)
- 6 — Espécie de capas usadas pelos irmãos de confrarias religiosas; ave palmípede.
- 7 — O mais; oferecer.
- 8 — Menciono; prender.
- 9 — Utensílio; ensejo; interj. que serve para animar; toma conhecimento.
- 10 — Único; Ilha grega no Mediterrâneo; afirmação.
- 11 — Prepos. e art.; sumo da cana sacarina; gemido.
- 12 — Perfeição; ovário dos peixes.
- 13 — Baralhar; separas.



Solução do Problema n.º 6



Um lindo sorriso que, no dia do «capacete», recolheu avultados donativos para os combatentes portugueses da Grande Guerra. Na sua admirável cruzada, esta graciosa lisboeta soube honrar as tradições de bondade e de patriotismo da mulher portuguesa

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2.0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório Material de Desenho

Casa especializada em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, albums para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

Viage

em Portugal

nos combóios

da C. P.

Informações

em todas as estações

em Lisboa: — no Serviço do Tráfego — Telef. 2 4031

no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722

**DUFF COOPER**

UMA guerra não se faz apenas com canhões, aeroplanos e couraçados, principalmente se essa guerra pretende fundamentar-se na feroz incompatibilidade de ideologias que definem sistemas económicos, políticos ou sociais. Sobretudo, não pode circunscrever-se na superfície territorial dos povos em luta, se o conflito adquire características essenciais do desgaste pelo desgaste, envolvendo directa ou indirectamente outros povos. Sejam muito embora fabulosas as quantidades de material em acção e de reserva e inigualáveis as suas qualidades ofensivas e defensivas. Tornar-se-ão inúteis se não puder contar-se com os valores morais que tornam produtivamente harmónico o conjunto das disponibilidades duma nação em guerra.

A Gran-Bretanha reconheceu esta verdade axiomática quando, logo no início da conflagração, criou o Ministério das Informações. Através dele, a Inglaterra faz ouvir a sua voz e a justiça das verdades que defende. Por seu intermédio, todo o cidadão britânico sabe o que quer e para onde o conduz o seu Governo.

Foi Duff Cooper o homem escolhido por Churchill para comandar a extraordinária e complexa máquina da propaganda. A Inglaterra fala pela sua boca, escreve com a sua pena.

Alfredo Duff Cooper, filho de Sir Alfredo Cooper e de uma irmã do duque de Fife, Agnes Cooper, nasceu em 1890. Educado em Eton e Oxford, foi chamado às fileiras logo no começo da Grande Guerra, onde serviu como oficial, tendo alcançado várias condecorações em campanha. Quando o conflito de 1914 terminou, regressou a Inglaterra e ingressou na carreira política, filiando-se no Partido Conservador. Em 1928, foi secretário do ministro da Guerra e, em 1931, pela primeira vez eleito deputado. Três anos depois, tomou conta do Subsecretariado da Tesouraria e, no ano seguinte, sobravaça a pasta da Guerra. Primeiro Lord do Almirantado do Gabinete Chamberlain, em 1937, pediu a demissão daquele cargo em Outubro do ano seguinte por não concordar com a política de apaziguamento do Primeiro ministro, formando com Eden e Churchill o grupo de conservadores que se lhe opôs.

Tal é o homem cujo cérebro comanda uma das mais poderosas armas da Inglaterra.

CRÓNICA INTERNACIONAL**A intervenção americana**

Quando a França abandonou a luta, os partidários da paz afirmaram, em Bordeus, que o auxílio americano era uma miragem. Passados seis meses, o Presidente Roosevelt dirigiu uma mensagem ao Congresso, assegurando que os Estados Unidos ajudarão, com todos os seus recursos, as nações vítimas de agressão não justificada. A política do Gabinete Reynaud parece, assim, absolvida pelos factos. Não é verdade que o futuro de uma grande nação valeria, em qualquer tempo, a experiência de um semestre?

A evolução da opinião norte-americana tem qualquer coisa de milagre. Definir a orientação e segui-la, num país de cento e sessenta milhões de habitantes que se agrupam por tendências as mais opostas, por credos os mais diversos, por confissões as mais estranhas, é tarefa arriscada e difícil. O chefe que assumiu o encargo de a levar a bom termo sabe que esses cento e sessenta milhões de indivíduos exprimem livremente as suas idéias, que nem sempre são justas, e as suas paixões, que sempre são legítimas.

A intervenção dos Estados Unidos na guerra é uma realidade a que devem acomodar-se os que beneficiam e os que são prejudicados por ela. Essa realidade traduz-se, desde já, pelo envio de quantidades apreciáveis de matérias primas e de material diverso, canhões e tanks, navios e aviões.

A-pesar das declarações oficiais, ninguém pode garantir que amanhã se não traduzirá pela cooperação dos seus soldados na batalha da Europa.

O último discurso e a mensagem de Roosevelt são documentos de significação e de repercussões incalculáveis. O pacto tripartido não impediu que os Estados Unidos cumpram o que consideram seu dever, acautelando a integridade do território nacional e auxiliando a Inglaterra, e os seus aliados, na luta contra as potências do eixo.

As palavras estão correspondendo os actos. As exigências da legislação social foram postas de parte para que as fábricas dêem o maior rendimento. Depois de terem cedido à Gran-Bretanha algumas dezenas de contra-torpedeiros, os Estados Unidos prepararam-se para lhes dar outros. As autoridades militares da Grécia confessam-se satisfeitas pelo auxílio que têm recebido. Um empréstimo de cem milhões de dólares ao governo de Chu-King define a oposição americana à ordem nova que o Japão pretende instaurar no Extremo-Oriente.

Sem revogar a lei Johnson e o Acto de Neutralidade, o Parlamento norte-americano sanciona as iniciativas da Administração e do Chefe do Estado. As propostas da Casa Branca vão ao encontro dos seus próprios sentimentos. Ward Price escrevia, há dias, num dos seus artigos do "Daily Mail", que o semestre de 1941 vai pôr à prova a capacidade de resistência e o poder de iniciativa da Gran-Bretanha. A primeira quinzena de Janeiro foi assinalada pelo progresso do exército britânico na Líbia, pela marcha vitoriosa dos gregos na Albânia e pela firmeza da Turquia reafirmada perante a nova tentativa de penetração alemã nos Balcans. Estes factos tornaram mais firme a decisão americana.

Ward Price pensa que os Estados Unidos não decidirão da contenda antes do Verão deste ano. Seria loucura supor que a Inglaterra não saberá esperar os seis meses que a França quis perder. Do auxílio americano se pode dizer o que o comandante do Corpo Expedicionário britânico telegrafava, em 1914, a Jofre:

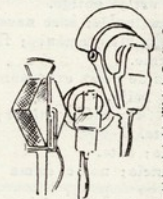
"Somos vagarosos, mas somos seguros.."

O OBSERVADOR

Falta um quadro!

Está ainda aberta, no Museu de Arte Contemporânea, a exposição de desenhos dos artistas do século XIX. Esses esboços, impressões fugazes e silhuetas, por vezes imprecisos, revelam-nos a intimidade dos grandes pintores da época. Columbano surge-nos muito grande, um dos maiores, com uma técnica de lápis nos retratos que é igual à sua maneira de pintar almas.

A exposição dos desenhos obrigou o público a visitar as outras salas do Museu, onde estão representados, pelo menos, numéricamente, todos os valores dos dois últimos séculos. Um, porém, e muito grande, falta. Referimo-nos a D. Carlos, o rei-pintor, o mestre tão português do Sotó, da Pesca do Atum, e das aguarelas marítimas. Já é tempo de o colocar ali, num bom lugar, abrindo-lhe as portas da consagração.

Fernando Pessa

Fernando Pessa, o locutor português da B. C. é hoje uma voz internacional. Dia sim,

dia não, num dos microfones da grande estação londrina, o nosso compatriota domina o éter.

Na semana passada, a estação foi bombardeada; houve mesmo vítimas. Pessa continuou a sua reportagem de guerra sem que a sua voz traisse a mais ligeira perturbação. Um verdadeiro herói, na primeira linha de fogo! Numa palavra, um português!

A campanha da Líbia

A campanha da Líbia tem um interesse primordial para a Inglaterra. As vitórias de Sidi Barrani e Bardia, com os seus 70 mil prisioneiros, milhares de peças de artilharia, e centenas de toneladas de material bélico diverso, faz pressagiar, facilmente, qual o resultado da ofensiva inglesa. Estrategicamente, o que importa ocupar é a estrada marginal que vem desde a fronteira da Tunísia até ao Egito. Uma vez de posse dela, o resto pouco interessa.

E, a ser assim, Inglaterra ficará com liberdade para empregar o seu magnífico exército do Próximo Oriente onde seja mais necessário, o que não deixará de pesar na política dos Balcans.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**Propriedade de «Mundo Gráfico», L.^{da}

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^{da}, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA FALANDO AOS PORTUGUESES DO IMPÉRIO, NO DIA DE ANO NOVO



COMO VIVEM AS CRIANÇAS INGLÊSAS

Um lindo jardim para crianças perto de Dorking. Apesar da guerra, os ingleses, educadores por excelência, continuam a dispensar à infância todo o seu carinho

As crianças inglesas vivem uma nova vida. Afastadas das zonas de guerra, segundo o plano estabelecido pelo Governo britânico, invadiram os campos com a sua alegria. As cidades despovoaram-se dos pequeninos seres; transferiram-se as escolas e os colégios. Novos horizontes se abriram à educação infantil, levando os processos pedagógicos mais modernos, até então quase exclusivamente ministrados nos grandes centros urbanos, às aldeias mais insignificantes da Inglaterra. De facto, os colégios de Londres, por exemplo, tinham a vantagem de possuir professores com recursos muito mais vastos e, especialmente, material didáctico de que os colégios das aldeias dificilmente poderiam dispor. O uso de filmes é um exemplo frizante. Os estabelecimentos de ensino evacuados de Londres levaram consigo 120 máquinas de projecção e 3.500 filmes culturais.

Mas, não foi somente na instrução oficial que as crianças sentiram benefícios. Os edu-

cadores aproveitam a excepcional oportunidade que se lhes oferece para lhes proporcionar novos motivos de prazer e de estímulo no trabalho. Durante os recreios, auxiliam os camponeses nas colheitas, aprendem a mugir as vacas, a desnatar o leite para manteiga e dão de comer aos animais domésticos. Montam a cavalo. Onde há rios e lagos, muitos teem aprendido a pescar e a conduzir barcos à vela ou a remos. Frequentemente, têm ao seu cuidado uma pequena horta. Cada escola encarrega-se de cerca de meio acre de terreno inculto.

Os rapazes ocupam-se, também, geralmente, de trabalhos de carpintaria e as raparigas teem uma classe de lavoires, onde arranjam e confeccionam vestidos, meias e camisolas, e tratam de todo o vestuário dos rapazes. Além disto, fizeram todos os uniformes das "girls guides", que as acompanham.

Organizam-se palestras, recitais de canto, danças regionais e concertos musicais para

divulgação dos clássicos. As escolas de Londres, evacuadas para dois condados, organizaram um festival dramático completo. Os alunos de um dos estabelecimentos de ensino secundário interpretaram, com a cooperação de várias senhoras da localidade, "She stoops to conquer", representando-o em sete centros de Cornwall.

Toda a espécie de estudos ao ar livre tem sido realizada. As raparigas de um dos colégios compilaram um anuário da aldeia que habitam, com o nome e a morada de todos os chefes de família. Uma escola de rapazes dirige, em Bedfordshire, uma propriedade onde se dedicam à criação de galinhas, e outra, em Sussex, à criação de porcos. Esperam filiar-se na Federação Nacional dos Jovens Lavradores...

Longe da visão horrível da guerra, as crianças da Gran-Bretanha preparam solidamente o seu futuro, que é o futuro da pátria.

DAPHNE CLARE

Um grupo dos milhares de crianças que foram evacuadas de Londres

Uma fotografia, num hospital de crianças, tirada durante um alarme



O novo embaixador de Inglaterra



Sir Ronald Campbell, novo embaixador de Inglaterra, saindo do automóvel, à porta do Palácio de Belém



O embaixador da Gran-Bretanha, com Sir Noel Charles e os adidos Naval, Militar e Aeronáutico, momentos antes de entregar as suas credenciais ao sr. Presidente da República



Após a solene cerimônia, no salão Luis XV do Palácio de Belém



Lisboa, noiva do mar, tem no velho castelo o seu diadema de ouro. Eis um fragmento da barbacã, sôbre a qual se abriu agora



uma escadaria de acesso



As velhas pedras parecem falar. A escadaria que leva à torre de menagem



O adarve que corre ao longo das ameias e donde outrora choviam os virotões e o fogo gregário

O CASTELO, BRASÃO DA CIDADE

Edificado pelos romanos, restaurado pelos árabes; o histórico Castelo de S. Jorge, mais velho do que a Era, domina altivo a mui linda cidade de Lisboa.

A gente moura, detrás das suas ameias, do alto das suas tôrres, durante espaçados tempos, sustentou o prestígio da sua colonização no Ocidente.

E, sangue generoso da mocidade ardente que acompanhou o primeiro Afonso ensopou a pedra negra da velha fortaleza. E um herói foi sagrado pela lenda. Chamava-se Martim Moniz. Na ânsia de vencer, na febre da peleja, que só a herois e a loucos acomete, esplêndido de sacrificio, o capitão das hostes afonsinas, violenta uma das portas, que parece ceder. Tenta por ela romper com a sua gente. E' êle o primeiro. Dezenas de mouros travam-lhe o passo. A porta vai de novo fechar-se... Não! Antes que tal aconteça, louco de heroísmo, Martim Moniz, lega o seu nome à História e o corpo às cutiladas do inimigo. E' por ali

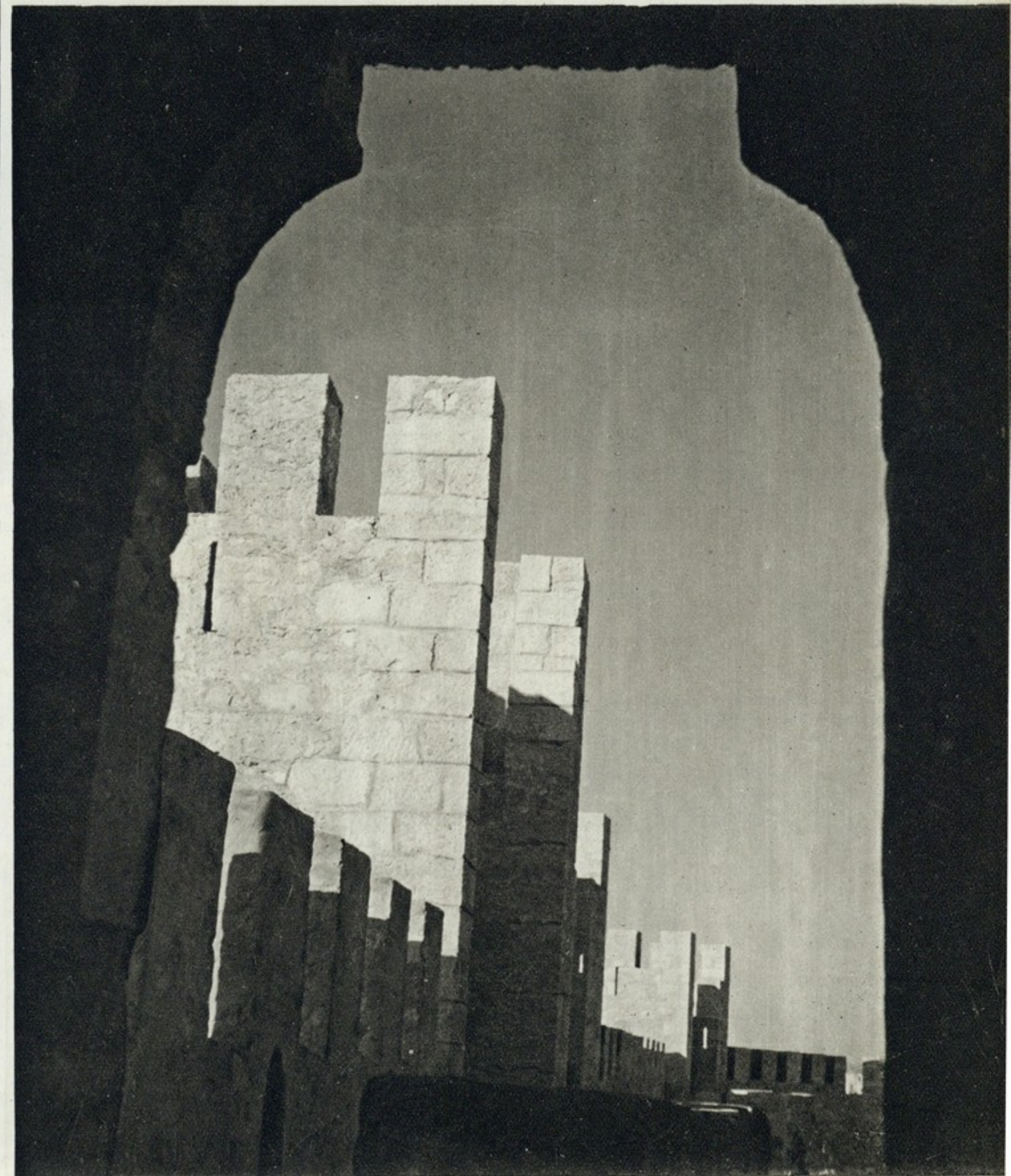
que a sua gente tem de entrar. Atravessa-se nos batentes e, varado por cem cutiladas, é o seu corpo, meio desfeito, que impede a porta de fechar-se. É por ela, como tinha previsto, que seus esforçados companheiros entram espalhando confusão e terror nos defensores do Castelo. O irrequietismo dêste feito militar ficou tradição da nobre fortaleza. Em tôdas as lutas — e são tantas — que Portugal teve de sustentar, as briosas guarnições de S. Jorge deram o seu sangue e mereceram bem da Pátria...

Foi moda em tempos próximos mostrar desprezo pelas velharias de castelos roqueiros, de mosteiros velhos, onde frades caquéticos rouquejavam cantochões. Assim, o Castelo de S. Jorge conheceu tempos maus. Sofreu o abandono. Embora domine Lisboa e tenha bocas de fôgo assentes para o Tejo, o Castelo de S. Jorge era um Passado, mais velho do que Portugal, que incomodava os graves porta-

dores de uma «ideia» de renovação.

Foi esquecendo. Foi caminhando para a ruína. Abatia-se hoje uma torre, amanhã uma seteira aparecia entulhada. Um vendaval desmantelava um muro...

Velharias... A tempo de salvar o património artístico de Portugal, homens de boa vontade lançaram-se à luta. Era preciso vencer e ganhar uma corrente demolidora que afrouxava energias, que troçava aptidões, que desfazia projectos e desenliava ideias generosas. E a luta travou-se. E homens de energia e pulso lançaram-se na Santa Cruzada de salvar o património artístico de Portugal. E chegaram a tempo. Reintegrado na sua antiga nobreza, dominador, elegante e grandioso, nas suas linhas sóbrias e marciais, o Castelo de S. Jorge, mais velho do que Portugal, na Lisboa moderna, é um altar de heroicas virtudes e uma página de Fé de Portugal eterno.



Uma das tôrres ergue-se orgulhosa, olhando a cidade como um dos seus mais belos braços

O mesmo sol de há oito séculos bate gloriosamente a alcáçova da velha Lissabona



Um aspecto de Amsterdã com os seus canais tranqüilos



Um moinho que Ruisdael pintaria



Na pequena vila de Ysselake, nas margens do Zuiderze



Um velho e silencioso canal de Amsterdã



O Spaarne, em Haarlem prateado pela neve. Os barcos ficaram bloqueados



As raparigas de Elburg com os seus trajos característicos, parecem bonecas de porcelana

A PÁTRIA DE ERASMO

A paisagem da Holanda, de calmas expressões, entre neblinas, oferece vincados contrastes e tem singulares encantos aos olhos do europeu das regiões meridionais.

As suas cidades magníficas, algumas delas mantendo ainda os traços originais do gótico imponente; os seus portos, sempre atulhados de navios que dão a volta ao mundo e ali trazem recordações de todos os continentes; os canais de águas tranqüilas; as planícies floridas, onde surgem aglomerados de casas maneirinhas, armadas em madeira e de ar acolhedor; os moinhos que desenham perfis elegantes no céu calmo de névoas transparentes—quantas sedutoras imagens despertam a simpatia dos viajantes nessas paragens tão características!

Esse pequeno país, engolfado nas águas inquietas do Mar do Norte, com uma superfície de pouco mais de trinta mil quilómetros quadrados e uma população de oito milhões, era, em tempos não muito remotos, uma faixa de terra árida e arenosa, batida pelas vagas. O mar cobria uma grande parte do solo e foi preciso que o homem, à custa de esforços gigantescos, em empresas arriscadas e difíceis, conquistasse ao Oceano uma boa parte de território, nivelando dunas, construindo diques, retendo areias rebeldes entre muralhas sólidas, para que a nação prosperasse e surgisse orgulhosa, como uma das mais ousadas afirmações da energia indomável de um povo dotado de extraordinárias aptidões para a vida.

Aproveitados pelo génio de um povo auzas, fadado para a expansão, esses elementos naturais tornaram-se fecundos e, onde o homem não pôde erguer catedrais ou desenvolver indústrias, surgiram os jardins e vastas superfícies cobriram-se de flores—as famosas tulipas e os mimosos jasmims que têm cotação na Bolsa de Haia e fama universal, como o queijo flamengo ou os licores Curaçao.

Com a psicologia serena dos povos nórdicos e a virilidade das raças superiores, os holandeses constituem um povo admirável, num país extraordinário onde a vida se tornou sedutora. O holandês, por educação, pelas virtudes de um povo em harmonia que atingiu os altos planos da civilização europeia, sem acentuados desnivelamentos que perturbam o equilíbrio social, alcançou um nível superior, bem expressivo na prosperidade da nação e no exemplo dos seus êxitos históricos.

O Império Neerlandês, que se estende da América à Oceania, pela Ásia, é a afirmação eloqüente do génio colonizador e da expansão dos holandeses.

Mas, é, sobretudo, no labor pacífico, ordenado e produtivo que os holandeses melhor definem o seu temperamento e as suas virtudes como povo progressivo. E, se recuarmos um pouco na História ou remontarmos ao tempo áureo das suas grandes manifestações espirituais, a Holanda surge-nos como um dos países que mais têm contribuído para o prestígio e aperfeiçoamento da Humanidade. De Erasmo

de Roterdão nos dizem os historiadores que «graças a êste mestre genial, o Humanismo espalhou-se por toda a Europa, preparando o terreno para a difusão do Renascimento». Campo aberto às inovações científicas, às transformações e ao progresso, em todas as épocas, os Países Baixos tiveram, também, papel preponderante nos grandes empreendimentos que operaram o movimento de ideias e a renovação da Arte. Basta recordar a obra dos grandes pintores holandeses do século XVII, os antecessores ou os que se lhes seguem.

E nada seduz tanto o viajante como o doce enlêjo, ao contemplar as obras de beleza eterna nos museus da Holanda, nesse país magnífico entre as brumas do Norte, onde a luz suave, jocinda na neblina, põe nas coisas e na paisagem a sombra perturbadora que envolve as claridades cruas e frias nas telas imortais de Rembrandt—o pintor genial que é a própria alma da Holanda.

País laborioso e pacífico, ao estalar a guerra, manteve uma atitude digna para defender a sua neutralidade. Isso não obteve, porém, a que esse povo admirável sofresse a amargura da invasão.

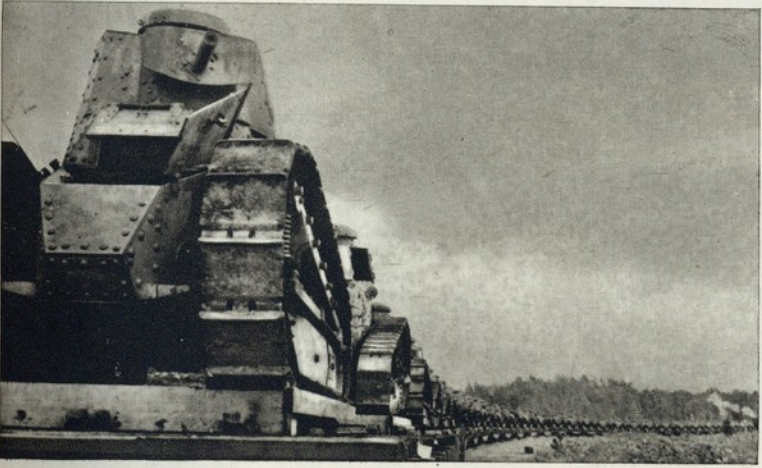
A Rainha Guilhermina, com a sua côrte, transferiu-se para Londres e, em todo o Império Neerlandês, ao lado da bandeira tricolor, a faixa dourada que é o símbolo da Casa de Orange, flutua como esperança imortal de uma pátria orgulhosa e eterna.



Além das equipas condutoras e de tiro, os tanks inglêss possuem uma equipa de rádio-telegrafistas que estão em permanente contacto com o comando



Tôdas as vias de comunicação terrestres inglêss são vigiadas, dia e noite, por velozes motociclistas, armados de metralhadoras ligeiras



O Canadá é o principal fornecedor de material blindado para a Gran-Bretanha. Eis um combóio de tanks pesados, recentemente desembarcados em Inglaterra



Dursnte um "alto", o condutor dêste tank descansa da penosa viagem no deserto



Milhares de tanks pesados, guarnecidos por tripulações especializadas e armados de canhões de grande poder ofensivo, patrulham todo o solo britânico

A ALA DOS NAMORADOS



A porta do Palácio da Independência, sede da «Mocidade Portuguesa» cumprido o «quarto», a sentinela vai ser rendida. A guarda perfila-se enquanto o comandante dá as suas instruções



O chefe da guarda redige o relatório para o comando. Está cumprida a sua missão de um «dia de serviço»



O relatório do comandante da guarda é levado por um estafeta à sede do comando



Um estafeta entrega uma «ordem» ao comandante da formação de serviço



Um superior vai entrar. Um «ombro-arma» enérgico espera a continência



Rendeu-se a sentinela. Na casa da guarda os elementos da formação colocam as espingardas no armeiro



Yan-Chu-Chun, delicada como uma flôr de chã, é a melhor nadadora dos mares da China



A mulher chinesa, antes de se alistar nos exércitos de Chiang-Kai-Shek pratica um dos desportos favoritos dos tártaros



Os sumptuosos trajos dos antigos cavaleiros da Mangólia, usados actualmente apenas em exhibções históricas

A NOVA CHINA

A China misteriosa e coalhada de mandarins que, durante séculos e séculos, a sugavam a seu talento, mantendo uma população de muitas centenas de milhões de seres sob o mais férreo jugo que se tem conhecido na história da Humanidade; essa China das lendas maravilhosas e de monstruosos suplicios, que iam desde o atrofiamento torturante dos pés de todas as mulheres até o excecível e horroroso martírio da extração da pele, com afiadíssimas navalhas de barba como sentença aplicável por determinados crimes, desapareceu há trinta anos. Numa mutação de mágica, a China dos generais saltadores que, à frente de milhares de bandidos organizados em exércitos semeavam o terror por toda a parte, saqueando e roubando, deixou de existir, para dar lugar a um país que, ansioso de civilização e de progresso, alcançou, em vertiginosa carreira, um honroso paralelo com os demais países onde, desde há séculos, se procura atingir as culminâncias da mais soberba cultura e do mais superior engrandecimento.

Mais veloz do que a Turquia, porque nela nada havia de comum com o moderno espirito da civilização e porque a sua população e o seu território são incomparavelmente maiores, a China em trinta anos de passos firmes e sábiamente orientados, transformou-se por completo, deixando de ser uma nação de tenebrosas tragédias e de impressionante escravidão para passar a ocupar um lugar de bem merecido destaque no concerto dos iluminados pelo rutilante Sol do progresso.

A mulher, que era ali considerada o mais desprezível dos seres conquistou uma personalidade digna, que lhe permite acompanhar o homem no seu desenvolvimento intelectual, moral e físico.

Sun-Yat-Sen, o grande reformador da China, no final do ano de 1910, ao proclamar a República no seu imenso país, repleto de riquezas inexploradas, arejou-o, deu-lhe alma e vibração, libertou-o dos seus ávidos e hiantes mandarins, sempre insaciáveis, e deu-lhe também uma constituição, concedendo a toda a gente direitos de cidadania.

Surpreendeu-se o Mundo inteiro ao verificar que o povo chinês, longe de tudo quanto d'ele se pensava, conseguira, no decurso de bem reduzido número de anos, revelar-se possuidor de tôdas as qualidades necessárias para se instruir e educar e acompanhar, quando não exceder, as mais grandiosas concepções do progresso.

Os desportos, desenvolvendo-se, introduzindo-se rapidamente pelas mais recônditas e desconhecidas povoações, auxiliaram poderosamente a obra civilizadora que Sun-Yat-Sen executou numa rajada de vento saudável e pleno de grandiosidade.

Aquêles a quem era inteiramente vedado formular qualquer hipótese de opinião sobre os negócios públicos são hoje convidados insistentemente a interessar-se pela vida nacional, dando a esta a colaboração que a sua inteligência e demais condições lhes possam permitir.

Ninguém, antigamente, podia atrever-se a olhar para o Filho do Sol quando alguma vez ele saía do seu misterioso palácio. Hoje, toda a gente tem o direito de ver e ouvir o chefe supremo da nação quando ele se apresenta em público — e não poucas vezes tal sucede.

País imensamente grande, de inexgotáveis recursos, ansioso de bem-estar e de independência a que a sua invejável situação lhe dá incontestável direito, a China, embora em parte retalhada por um outro país invasor, embora debatendo-se numa guerra cruelíssima, que a tortura ha anos, nem por isso deixa de marchar, com passo firme e resolutivo, pela estrada do progresso, ombreando, sem o mínimo desfalecimento, com quantos países atingiram já o máximo expoente da cultura e da civilização.



A cavalaria Polaca, de tão gloriosas tradições, combate também na Líbia. Ei-la, na estrada marginal construída pelos italianos, a caminho de Bardia



Santi Quaranta, pequena cidade da costa albanesa, que é hoje célebre em todo o mundo. No sistema militar grego, ela representa a chave do avanço sobre Valona



No fantástico cenário do deserto, este destacamento de infantaria inglesa marcha para a "frente", depois da sua entrada vitoriosa em Sidi-Barrani



Um dos pilotos dos famosos "Hurricanes", armados de oito canhões, que já abateram 1500 aviões inimigos



Com uns óculos fumados, este marinheiro, a bordo dum couraçado espreita os aviões inimigos



Um esquadrão dos famosos spahis, filhos do deserto, enquadrados nas forças francesas que tomam parte na ofensiva inglesa da Líbia



O submarino italiano "Galileo Galilei", que foi aprisionado por uma traineira inglesa no Mar Vermelho



Os valentes soldados australianos que romperam as defesas de Bardia, descarregando tanks poucos dias antes da sua vitória, num aduar perto daquela cidade



Cantinas limpas, higiênicas, onde os velhos pescadores que já não têm força para combater a fúria do mar encontram uma mesa abastada



Escolas, com janelas largas, por onde o sol entra livremente e «releiros» amplos onde as crianças recebem os benefícios da ginástica



Já conhecem os segrédos do mar. Do alto da duna, miram o Oceano e sonham com terras distantes, onde veleiros airosos levam os pais à pesca do bacalhau



Vêlhice sorridente. Já não sai para o mar em busca do pão de cada dia. Mas ele não lhe falta em casa

Os lares de Portugal Novo

PERDIAM-SE nos brancos imensos das dunas ondulantes as casitas de colmo dos bravos pescadores. O mar, escondido numa curva da areia, doirada de sol, a cantar melancolicamente canções de seduzir! Os barcos, ao largo, em fragilidades de contraste com o Infinito, pareciam berços maneirinhos embalados docemente ao ritmo cançado de vagas sonolentas. E a garotada corria pela praia.

— Eh Toino! Não t'achegues ao mar, diabo!

As mulheres, olhos simultaneamente nos filhos irrequietos, esquecidos de escolas distantes, e nos tristes farrapos que remendavam sobre o regaço, aqueciam-se à soalheira, sentadas nos rebatos das portas. E nem sempre havia um naco de pão negro p'ra comer.

Depois... As casitas de colmo, açoitadas pela tempestade, mais frágeis que os lenhos no mar, pareciam participar na mesma fatalidade humana, desencadeada pelos elementos. Os barcos, ao largo, lutavam com a fúria das vagas, enquanto na praia as crianças escondiam o rosto nas saís das mãis, postadas junto à água, com os cabelos desgrenhados pelo vendaval e os braços erguidos ao ceu numa derradeira prece. E o pão acabava-se!...

Vinha o Inverno, com todo o seu cortejo de inclemências, e os pobres pescadores não se atreviam a sair para o mar.

Tudo isto, porém, mudou! Dir-se-ia que um sol de alegria e de esperança vibra hoje sobre as praias portuguesas — mesmo nos meses mais cruéis para a faina das companhas. O Estado Novo, numa obra de extraordinária projecção nacional, tem modificado as condições dos pescadores — tanto no mar como em terra. Por toda a costa, se erguem agora casinhas brancas, rasgadas de janelas, dispersas ou em grupos, onde a classe pescatória vive com satisfação, esquecida já das inclemências do passado. São as Casas dos Pescadores, onde há aulas, refectórios, enfermarias, cantinas, numa palavra, tudo quanto é necessário ao conforto material e espiritual. São verdadeiros templos de vida social, de ambiente doce, calmo e enternecido, onde os velhos pescadores, de cachimbo queimado, aquecidos ao lume da lareira, sonham com os seus cruzeiros de neblina, onde já não há espectros de naufrágios, e as crianças loiras e rosadas, de boca satisfeita, brincam e aprendem, confiadas no seu destino. Paralelamente, nos grandes centros piscatórios, têm-se edificado centenas de bairros, de materiais duráveis, com cunho regional, onde não falta, além do espaço e da higiene, uma nota de beleza, de expressão artística. São os lares de Portugal Novo.

Eis uma das obras mais notáveis do Governo Nacional, realizada pelo sr. Ministro da Marinha e de que tem sido intérprete fiel e apaixonado o sr. comandante Tenreiro. Mas não são apenas os pescadores da nossa costa que devem ao Estado Novo os benefícios duma orgânica modelar de assistência; são também aqueles que se aventuram até aos mares gelados da Groenlândia, e que hoje, pelas condições de trabalho que disfrutam e pela protecção que a Nação lhes dispensa, se podem considerar dos mais felizes do mundo. A terra para eles tornou-se tão firme como o mar, e este, na sua beleza eterna, parece ser mais amorosamente português, vencido pelo génio da raça, agora renovado, numa obra de tão larga como generosa inspiração!



AS MARAVILHOSAS JÓIAS DA COROA INGLÊSA QUE ATÉ O COMEÇO DA GUERRA ESTIVERAM EXPOSTAS NA TÔRRE DE LONDRES

AS JÓIAS DA COROA

Trezentos anos antes do palácio dos Doges, em Veneza, ou do Kremlin agitar os seus estandartes sobre Moscovo, já a Tôrre de Londres era o baluarte da independência britânica

Rasgando a humidade cinzenta de densos nevoeiros, ergue-se magestosa e fria a velha Tôrre de Londres. É o coração da Inglaterra essa fortaleza gigantesca — das mais antigas do mundo — que inimigo algum da Gran-Bretanha logrou conquistar. As suas paredes robustas, debruçadas sobre o Tamisa, cuja espessura mede quatro metros e meio, têm resistido a todos os assaltos dos séculos e dos homens. Trezentos anos antes do palácio dos Doges se reflectir nas águas de Veneza ou do Klemim agitar os seus estandartes sobre Moscovo, já a histórica tôrre era o baluarte da independência britânica. O Vaticano é, comparado com ela, a mocidade em pedra. Reinava em Inglaterra Henrique VIII quando foram abertos os alicerces do Louvre. A Rainha Isabel subiu ao trono quando Versalhes era apenas um pântano. Pulsava já há seiscentos anos o “coração”, da Gran-Bretanha, quando o Escorial irradiou pela Espanha o seu esplendor, e ainda outro século devia passar antes que caísse sobre Sans Souci a última pedra.

Alguns, nos seus alicerces, encontra-se a fortaleza, ainda mais antiga, edificada por Júlio César. Foi, porém, a Tôrre de

Londres, começada há novecentos anos por Guilherme, o Conquistador, que se tornou a alma do povo destinado a dar o seu nome a um Império que se estende através do mundo. É curioso que os dois génios militares tivessem escolhido o mesmo local para marcar e selar a sua conquista. No ângulo sudoeste da branca tôrre do rei Guilherme pode, ainda hoje, ver-se uma parte da muralha de César. Foi Henrique III quem completou a fortaleza, tal como hoje se encontra. Ricardo, Coração de Leão, mandou aprofundar e alargar os fossos e Eduardo I, de regresso da Terra Santa, terminou as defesas exteriores.

Foi ali que, nos primeiros séculos, os soberanos ingleses viveram rodeados pelo esplendor dos nobres. Nas muralhas, fizeram-se alojamentos para os soldados. Armas e munições, víveres, ouro e joias tudo ali se guardava não só para servir o palácio real como para suportar um longo cerco em caso de necessidade.

A residência dos Cavaleiros da Ordem de Banho era, simultaneamente, Tribunal Judicial. A Casa da Moeda e o Tesouro do Reino tinham paredes comuns com as prisões do Estado



Um dos guardas da Torre de Londres falando com três soldados canadenses.

A Torre de Londres tornou-se, a breve trecho, teatro das mais vivas lutas políticas. Alguns soberanos e fidalgos foram ali encarcerados. Nos fossos, com as sombrias paredes a escorrer humidade, a história esplendida, bela e também terrível deixou muitas lendas. Ao lado fica a capela, onde os condenados passavam a sua última noite.

Foi no reinado de Isabel que a Torre deixou, para sempre, de ser palácio real. A infeliz Rainha, que passara ali algum tempo prisioneira, recusara-se como soberana, a viver num lugar onde havia passado meses de terrível expectativa. Pouco a pouco a Torre de Londres converteu-se num grande cárcere.

O seu nome enchia o povo de assombro. Entrar na Torre era, como mais tarde, entrar na Bastilha. Com o andar dos tempos encrustaram-se nas suas muralhas estabelecimentos populares e de edificios arbitrários, que mortificaram a sua traça primitiva.

Foi só quando outra Rainha subiu ao trono que a velha Torre voltou à sua antiga magestade e beleza. Durante o reinado da Rainha Victória foi limpa das desfigurações que sofrera. As torres e muralhas sofreram reparações e todo o edificio foi reintegrado. É difícil, numa época em que os londrinos pagam um xelim para levar as tias e sobrinhos da província visitar o seu maior monumento, passando em fila por detrás dos "Beefeaters", com os seus fatos de pagem do tempo de Isabel, recordar outros tempos em que se juntavam, naquele mesmo lugar, sem pagar coisa alguma, multidões compactas, para presenciar uma execução capital. Soberanos, fidalgos, prelados, soldados e estadistas, reuniam-se ali para ver o grande e supremo espectáculo de morte. Prececeram ali D. Jaime, Duque de Monmouth e filho do "rei sem coroa", Carlos II, em 1685, e a da Condessa de Salisbury, em 1541. A valorosa senhora, que contava 71 anos, recusou-se a colocar a cabeça no cepo, declarando que tinha sangue dos Plantagenetos nas veias e não ajoelitaria deante de quem quer que fosse. O Duque de Monmouth, depois de conversar algum tempo com o carrasco, pedindo-lhe que "fizesse um trabalho limpo,, verificou se o gume do machado cortava bem. Deu-lhe três guineus, ordenou ao seu criado que lhe desse outros tantos

se elle se desempenhasse bem da sua missão e, com inexcédível serenidade, colocou o pescoço sobre o cepo.

Quando hoje se conta este triste episódio aos visitantes da torre de Londres, tranquilizam-se sempre os corações mais sobressaltados, dizendo que o Duque soube morrer como um verdadeiro inglês, desprezando o corpo e salvando a alma com os olhos postos na Pátria e em Deus.

Era ali que antes da guerra se guardavam as jóias da coroa, tesouro fabuloso que se cifra em milhões de libras.

Cada uma das suas peças, além do seu enorme valor artistico, é uma recordação histórica. A mais bela de todas, pelo seu simbolo e pelo seu esplendor é a coroa, que cintila cravejada de pedrarias, brilhantes enormes, ametistas, esmeraldas, rubis, enormes e esplendidos, sobre as quais a vista se encandeia, golpeada de deslumbramento. Também ali se encontrava o setro real, de ouro macisso, artisticamente cinzelado. São estas duas peças que denominam o grande tesouro, constituído por centenas de objectos, qual deles o mais belo e valioso.

A vetusta torre não é apenas um monumento de Inglaterra. Toda a mocidade e desenvolvimento da nação vivem nas suas muralhas. E, se os corações dos ingleses batem mais apressadamente quando pensam na magestosa fortaleza, não é apenas com o pensamento de que ela é das mais antigas do mundo, mas porque sabem, também, que em mil anos de história, nunca foi conquistada.

OLIVE MOORE



O cepo e o machado que antigamente eram utilizados para executar os condenados



A Índia ao lado da Inglaterra. Um metralhador anti-aéreo, na fronteira da Líbia, aponta cuidadosamente a sua arma



A legião francesa do Oriente, que actualmente combate na Líbia, apresentando armas às bandeiras britânica e do seu país



Os soldados holandeses que combatem em Inglaterra fazem continência ao retrato da Rainha Guilhermina, que simbolicamente os passa em revista



O general Sikorski, chefe do governo polaco, visita um acampamento das tropas do seu país, na Gran-Bretanha

Trabalho cantado sai sempre melhor, mais bem acabado

NO seu belo livro intitulado «The Dance of Life» o célebre filósofo Havelock Ellis, começou um estudo notável, partindo do princípio de que a dança e a arquitectura não só tinham sido as principais artes praticadas pelo Homem, como datavam de épocas imemoriais, talvez até anteriores à Humanidade.

Não é fácil, decerto, determinar se foi a arquitectura, de intuitos imediatamente utilitários, se as exteriorizações coreográficas da alma humana, as primeiras formas de actividade estética que se deram no Mundo. O que, porém, parece indubitável é que a dança e o canto surgiram a par, como impulsos naturais, dominados intimamente pelos ritmos do sistema respiratório e vascular.

O sentimento que geram no povo e na gente mais simples as manifestações coreográficas, é geralmente idêntico ao que provocam as suas canções. Basta passar em revista os nossos cancionários populares, assistir às festas provincianas, e percorrer os arraiais, para nos certificarmos de que assim é: grande parte das melodias cantadas pelo povo português, quando não são de carácter fundamentalmente religioso, têm também a sua representação plástica — coreográfica.

Deve, porém, dizer-se que o português é mais cantor do que bailarino.

Para exteriorizar estados de alma, para se expandir, para espalhar alegrias e tristezas, o Português canta, canta sempre, contando mais com os recursos da sensibilidade do que com as facilidades da voz.

Um dos aspectos mais interessantes da canção portuguesa é o que se relaciona com o trabalho.

Nos serviços domésticos, nos ofícios, nas fainas rurais, isolado ou em conjunto, o Português canta saudosamente canções da sua terra, ou desprendidamente modas da cidade, melodias populares ou eruditas, simplificadas à sua maneira, em tendência obscurente que faz parte da sua maneira íntima de ser:—«Quem canta seu mal espanta».

A lavadeira no rio; o pedreiro batendo a pedra; a criada no serviço caseiro; cantam já inconscientemente para estarem mais acompanhados, para desabafar, e para que o trabalho fique mais perfeito.

As canções do mar unificam, facilitam, amenizam os esforços colectivos, para puchar os barcos, as redes, os cordames...

Quem assistiu alguma vez, no Minho, às espadelas e esfolhadas, com acompanhamentos musicais de violas de arame, rabecas, flautas, bandolins e cavaquinhos, e cantadas pelos camponeses, sabe como o trabalho se faz agradavelmente, depressa e melhor, nessas inesquecíveis festas campestres e nocturnas.

Se até o trabalho dos bois — para que eles se esforcem mais — é cantado, no nosso País!

O «cantar a eira» da colheita do centeio; as dionisiacas expansões populares durante as vindimas; a alegria das canções do varejar da azeitona; e tantos outros motivos musicais esclarecem-nos acerca de certo aspecto da maneira de ser moral da gente portuguesa e das suas tendências musicais, confirmando aquilo que o Povo pensa e que tantas vezes repetia o notável e saudável crítico de arte António Arroyo:— «Trabalho cantado sai sempre melhor, mais bem acabado».

LUIZ REIS SANTOS



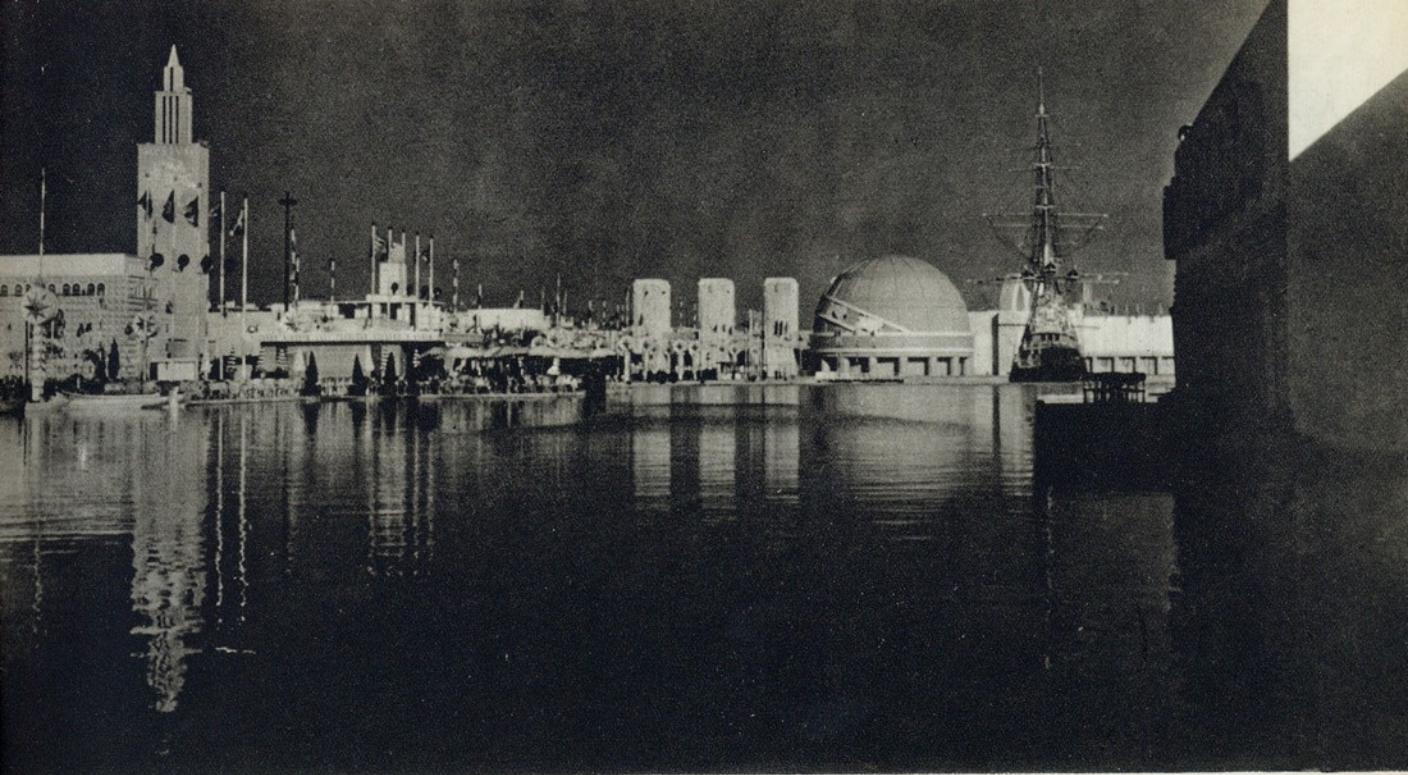
O pregão da varina é o mais lindo cântico de Lisboa. Nas suas escalas argentinas o mar rola as suas ondas



Numa avena de cana, um velho pastor toca uma arieta silvestre, que tem o encanto duma melodia de Schubert



Vivinha da costa l... Uma voz fresca, clara, madrugada de espumas, que faria inveja à Jeanette Mac Donald



O 3.º PRÉMIO, DE AMADEU FERRARI. A EXPOSIÇÃO VISTA DO PLANO DE ÁGUA

O Concurso Fotográfico da Exposição

O 1.º PRÉMIO, DE AMADEU FERRARI

O 2.º PRÉMIO, DE HORÁCIO NOVAIS



FIGURAS E FACTOS



O diplomata americano Phillips, embaixador em Vichy, quando recentemente passou em Lisboa



O embaixador de Inglaterra, Sir Ronald Campbell, com os jornalistas



S. E. o Cardinal Patriarca ao receber os escoteiros no dia de Ano Novo



Hopkins, enviado especial do Presidente Roosevelt a Londres, em Cabo Ruivo quando desembarcou do «Clipper»



Um aspecto da festa no Liceu Pedro Nunes, dedicado a crianças pobres, e durante a qual lhes foram distribuidos agasalhos

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

A MODA

O que se usa? Vamos dar-vos alguns tópicos do que é a moda neste momento. Juntando-os, obtem-se o esquema de conjunto.

Cred, o notável alfaiate parisiense, encontra-se em Londres. Está lá fazendo o *top-coat* clássico: o casaco comprido e *the finger-tip jacket*: o casaco curto — mais fechado em cima, em tons escuros e guarnições claras, com muitos botões, bolsos e em belos *tweeds*. Linha direita, ombros no seu lugar.

Nos vestidos de jantar, aparecem os vestidos completamente lisos, a que só o corte dá realce, com mangas e pequeno decote. Em preto, cor de fogo (portfolio), rose-france, azul e branco.

Há um chapéu novo: a boina feita metade em feltro e metade em pele: sobre o olho esquerdo cai o feltro e sobre o direito ergue-se a pele que tanto pode ser lontra como castor — pele rasa. O engraçado é o nome que tem: *pancake*, que traduzido à letra significa: filhó... E, verdade seja, ainda tem certa semelhança. É também o nome um bom preparado para o *make-up*. Os tecidos que mais se empregam em vestidos de noite, para as raparigas, são: tule, renda *valenciennes* (com um metro de largura), musselina, *chiffon*, *tafetás* e *georgette*. E para as senhoras: *lamé* de cores, prateado e dourado, *moirées*, veludo *georgette*, veludo inglês *chiffon*, sêda mate e *pailleté*.

Muitas joias, ou verdadeiras, modernas ou antigas ou de fantasia, estando no primeiro plano os graciosos *balangandans* que do Brasil passaram para New-York e, em breve, farão furor na pequena parte da Europa que ainda tem gosto em se vestir. São aqueles colares que quasi tapam o peito com talismãs ou pérolas, correntes e pedrarias. Vêem-se também os brincos que acompanham inteiramente a orelha, de alto a baixo, na parte externa do pavilhão.

Para se usar o turbante que não deixa ver nenhum cabelo, não é preciso alegar apenas que é moda — é preciso, antes de mais nada, ver se fica bem, pois há certos rostos que julgam ser feitos para todos os chapéus quando afinal certos chapéus não são feitos para todos os rostos. E se este não serve, outro virá... já veio... está aqui. Disse Francis de Miomandre: «ce qu'il y a de consolant dans la mode, c'est qu'elle ne vous laisse pas le temps du regret...»

Maquilhagem de hoje Maquilhagem singela

Li algures: *Your face is what you make it*. E realmente: uma mulher bonita que ponha o *rouge* às três pancadas e use um antigo *baton* cor de laranja, obtem um resultado desastroso. Pelo contrário, outra que faça conscienciosamente o seu *make up*, isto é, o seu *maquillage*, estudando-se primeiro ao espelho, fazendo ensaios, chegando a conclusões, mesmo que não seja bonita, fica melhor do que a primeira.

É claro que sabe o que há-de fazer para tratar de si, mas nunca é demais lembrar. De manhã, a primeira coisa que faz qual é?

— Preguntar se está a chover. Bem: e depois?

— Comer o pequeno almoço.

Então, logo em seguida: lave os dentes.

Depois, enquanto a água escorre para o banho, escove o cabelo.

Já tomou banho? Vestiu o roupão de feltro? Muito bem. Sente-se em frente do toucador. Preserve o cabelo com a banda e enfile a sua *coiffeuse*. Bata com a boneca de borraça no rosto, para activar a circulação. Faça leve maçagem, no sentido ascendente.

Com o indicador e o médio espalhe *rouge* em pasta pelas maçãs do rosto, não deixando espaço em branco no sentido dos olhos e não vindo muito abaixo se tem o rosto comprido nem muito à frente se é bochechuda. Passe o papel para tirar excesso. Deixe secar. Ponha o *pancake* com a esponja que o acompanha. Deixe secar. Vá passando o polidor pelas unhas. Já secou? A escovinha própria tirará o que está a mais. Ponha pó de arroz. Tem a pele aveludada como um fruto, um damasco. Agora nos lábios um *baton* vivo e húmido; se não for muito brilhante, passe um pouquinho de vaselina. Tire a banda elástica da testa e penteie-se.

Pronto.

— Falta uma coisa...

Sim, já sei; mas não gosto de olhos pintados para a rua. No entanto, se está habituada, passe o lápis pelas sobranceiras e unte as pestanas com rimel. O creme de cores nas pálpebras só para a noite ou chá.

E agora umas pequenas advertências:

— De 15 em 15 dias, faça maçagem em instituto de beleza,

— De 8 em 8, vá ao cabeleireiro.

— Use um bom sabonete.

— Lave a cara com água da chuva.

— Trate do pescoço como do rosto.

— Não franza a testa nem pisque os olhos por causa das rugas.

— Pode ler na cama, no entanto, deve estar sentada.

— Tire a maquilhagem todas as noites, com água e sabonete. Se tem a pele sêca, ponha um creme. Se a tem gordurosa, passe um algodão com água de rosas e tinctura de beijoim. De dois em dois dias, deixe-a sem nada, para respirar à vontade.

Os primeiros chapéus da meia-estação, para raparigas



Vestidos de Noite para 1941

1 — Modelo de Jean Dessès — Veludo e renda em tom negro. Botões de alto a baixo

2 — Modelo de Worth — Crepe vermelho. Costas e punhos de rêde e franja no mesmo tom



Estrêla e Violeta

Novela de *Rodrigo de Mello*

—Boa *noooite!*—E houve sapatinhos ligeiros e risinhos ainda mais, a tinirem na noite clara de luar.

—Boa noite, Violeta—e muito prazer...!!—respondeu êle da cama, donde só no dia seguinte o médico lhe permitia sair.

Uma gargalhada muito transparente e nova entre os protestos das outras vozes conhecidas:—Então só à Violeta é que dá as boas noites?!—Sim, senhor...—Está bem...!

—Não diga que tem muito prazer. Ainda não me viu...

—Chamando-se Violeta e com uma voz assim,—estou a *vê-la...* e gosto! Além disso reparei agora em que me chamo Alfredo; e...

—...e naturalmente que cantar comigo a «Traviata».

Êste complemento do que ia dizer encantou-o, gerou-lhe maior e mais pasmada curiosidade em avistar a pequena—que o primo lhe garantira ser esperta e fransina e deliciosamente *miúda*.

—Levante-se, que o que você tem é preguiça. Preguiçoso!—roncou a banal Marta, com aquela voz de homem constipado que o crispava.

—Vamos para casa. Deixem descansar o *menino...*—foi a gracinha da mana Brigida.

—Vamos lá. Boas *noooites!*

—Boas noites, Violeta. Amanhã já a vejo da janela, se Deus quiser.

Quando os passitos e o tagarelar do grupo—onde Violeta iniciara o sóbrio cantarolar dum fado—se iam sumindo, aproxima-



ram-se, no subir corrido da escada interior, um ranger de sapatos e um trautear falseado do mesmo fadinho. Entrou Ama-

deu, forte e bonito rapaz. E, logo, a sentar-se na cama do primo:

—Pois, meu velho... prepara-te para curtires

VINHOS DO PÔRTO COCKBURN



(Tipo Vintage)

COCKBURN SMITHES & CO. LTD.
VILA NOVA DE GAIA

Para mais esclarecimentos sôbre outros tipos de vinhos dirigir-se aos agentes:

Matos, Melo & C.^o L.^{da} Rua do Breiner, 64, Telefone 707

PORTO

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete QUANZA. *Sairá no dia 30 de Janeiro pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:*

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

IMPORTANTE:—A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 18 horas do dia 29 com o aumento de 20%.

Para esclarecimentos e mais informações:

Séde: Rua do Comércio, 85 — telef. 23 021 [6 linhas]
LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434
PORTO



SUAVE MAS FIRME

Assim é a acção do LAXO-BAC, o novo laxante. Muito recomendável nos casos de prisão de ventre obstinada e nos de evacuações irregulares. Quem não pode tomar purgantes, encontra no "Laxobac", um remédio agradável, sabendo apenas a ótimo chocolate.

"Laxobac", acaba com a prisão de ventre e é ideal tanto para os adultos como para as crianças.

LAXOBAC

Em tôdas as farmácias a Escudos 5\$00 e 12\$00 cada caixinha. Lembre-se do nome.

MAL DISPOSTO depois de uma boa refeição?



Uma boa refeição deveria dispôr bem. Ao contrário, sente-se pesado, mal disposto. Da mesma forma, uma noite de 8 ou 10 horas de sono, em vez de repousar, deixa-o triste, fatigado. Tem dores de cabeça, de rins.

Há qualquer coisa que não está certa, a *prisoão de ventre*, com certeza. Os seus intestinos funcionam com a regularidade de um relógio?! Não importa. Não basta que as suas funções intestinais se exerçam com regularidade. E' preciso que elimine *completamente*. Caso contrário, há venenos que se acumulam no sangue e produzem um mal-estar geral. Uma forma excelente de assegurar eliminações perfeitas, consiste em tomar, todos os dias, logo ao acordar, uma "pitada", de Sais Kruschen. Esta "pequena dose", contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em tôdas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

mais uma paixão impossível. Aquilo é um assombro, menino! Dezasseis anos—estás a ver...—um riso que nos volta do avêssio, ingénua e ao mesmo tempo maliciosa, muito natural, muito meiguinha... Um sorvete quente como tu costumavas dizer. E nada toleirona—que diferença da parva da Benedicta, que lá estava com outro vestido (são três por dia, agora!) para me deslumbrar!—Contou-me que dá explicações dos primeiros anos do liceu, para não ser pesada aos pais e poder continuar a estudar. Parece que está à rasca o Aragão...

—Parece que sim. Tem tudo em venda ou hipotecado. E o irmãosito dela? Esse é que eu conheço, do ano passado ou de há dois anos; esteve aqui também em casa do avô.—Empregou-se não sei em quê; diz que se levanta todos os dias às seis horas—e ela também para lhe arranjar o almôço. São admiráveis não achas, *pá?*—Dá cá um cigarro. A Violeta diz que te conhece de vista e tem-te ouvido pela telefonia. Pensava que ainda estavas noivo da Franceлина...

—Vocês conversaram imenso, meu malandro!

—Um bocadito. A Benedicta estava fúla! A *cautela*, perguntou-me se veio hoje carta da Maria Amélia... Estou tramado! Já tôdas me sabem do compromisso... Bem. Até amanhã; inda vou escrever à pequena antes de me deitar: parece-me que ela já desconfia do «flirt» com a *wamp* da Benedicta; quero serená-la.—E tu, como te sentes?

—*Pas mal*, obrigado. Vamos a ver amanhã como eu me agüento.

—Adeus. Dorme—e não sonhes com a Violeta...

* * *

«Agora, o meu coração é Jardim e é Luz-do-Ar: VIOLETA—n'um rés-do-chão; ESTRÉTA n'um quinto andar»

A quadra saiu sibilinamente, quasi parvita... Mas era inevitável que Alfredo a escrevesse. Que a escrevesse logo que viu, da sua cadeira repousada de convalescente, passar Violeta na rua, com uma carta na mão para o cor-

reio. Também êle segurava nas mãos distraídas uma carta—uma carta de mulher. Estréla—que nome!—mais uma vez lhe traxara linhas lúcidas, firmes, implacáveis de pura inteligência. Como ela gostava dele—e de que desoradora forma!—Que raio! Encontrava-se fartinho daquela confraternização intelectual, de ela afirmar, papudamente, que muito bem o percebia em tudo e que «tout comprendre, c'était tout pardonner».

—Bolas! Ia até antolhar-se-lhe, em vozes saturadas.—que namorava o *Porto-Riche* ou o *Géraldy*...! Era linda, não havia duas opiniões... Isso, linda, era! Uma flor—como a gabava Dona Gabriela, a mãe dele, que para aquêlê consórcio o atiçava, para prevenir, não fôsse êle dar uma *cabeçada* (era pitoresca e metafórica a linguagem materna) como aquela, recente, de ter tudo tratado para casar com uma corista do «Maria Vitória». E, por essa *tôla*, desprezara êle a Franceлина—que também era uma flôr, coitadinha, e que, afinal, fôra bem feliz com aquela jóia do Mourão-filho... Afinal, *graças ao Senhor*, a estouvada trocara o filho por um tenente da Guarda, que nunca pensara em casamentos—e a maluquice não se consumara.

...E *muitas, muitas* que aquêlê desvairado tinha feito—para os tristes pais pagarem em arrelias e êle em desgostos que não o emendavam.

A Violeta voltava do correio. Sorriu-lhe. Aquela, sim: no nome e em tudo,—uma flor!—Quere entrar?

—Bem sabe que não posso. Matavam-me! Ui!—e encolhia exageradamente a cabecinha entre os ombros, cheio de mimo gracioso.

Referia-se ao facto de andarem as duas famílias de relações cortadas. De resto, os Coelhos—pais de Alfredo—não se davam, na região, com ninguém da simpatia do filho: mazombos, rotineiros, pedantes e desconfiados, a alegria era-lhes insulto e procuravam sempre *duplos-fundos* nas atitudes



Dorme que eu velo

Mais da terça parte da nossa vida... passa-se a dormir.

Esse tempo, além da recuperação de forças, pode não ser completamente perdido; pode simultaneamente aproveitar-se para o rejuvenescimento da pele.

Ao deitar aplica no rosto o CREME D'ARGY e durante o sono é como se êle dissesse:

—«Dorme... que eu velo pela frescura do teu rosto, para que em ti se mantenha o mais belo atractivo da mulher, a PELE. Hás-de ser velhinha, e as outras mulheres dirão, querendo descobrir o segredo da eterna mocidade: Que pele tão linda ainda tem! A grande atracção duma mulher, a beleza de rosto, o CHARME... tiveram sempre uma razão: a frescura da pele, o seu viço, o seu aspecto saudável, asseitinado, como polpa de fruto maduro.

«Dorme que eu, o CREME D'ARGY, velo pela conservação de todos êsses predicados. Dorme, enquanto eu vou alimentando a tua pele; trago comigo todas as prodigiosas vitaminas que são o sustento da tua epiderme. Quando amanhã despertares o meu trabalho estará terminado. Ao espelho dirás: «Estou tão fresca como ontem». Isto quer dizer que ao fim de quarenta anos estarás como no primeiro dia em que me escolheste para garantia da tua beleza: «Dorme que eu velo para que nenhum sintoma da idade destrua ou torne impossível essa juventude perene que está na tua alma.

Descobriste em mim o segredo da eterna mocidade! Dorme. Dorme... que eu velo».

Assim falou o CREME D'ARGY.

Faça uma experiência. Por 4\$00 pode obter nas casas da especialidade um estojo-reclame contendo um tubo de cremen.º 1 (dia), um tubo de cremen.º 2 (noite) e duas amostras de Moussine d'Argy.

Não encontrando, escreva para os Laboratórios d'Argy. Campo 28 de Maio—Lisboa.

A precisão dos bombardeamentos aéreos

Tem suscitado dúvidas em muitos espíritos, principalmente de indivíduos afastados dos meios aeronáuticos e ignorantes de todos os problemas que com eles estão intimamente relacionados, a possibilidade de bater, com precisão, objectivos militares por aviões voando a grande altura.

Apesar de tudo, ninguém põe em dúvida a certeza dos tiros da artilharia ligeira e pesada, esquecendo-se que, tanto os projecteis dos aviões como os das peças de todos os calibres, estão sujeitos às mesmas influências e, consequentemente, a erros análogos. Uns e outros descrevem no espaço a mesma curva — uma parábola, muito embora, com valores diferentes a atribuir às variáveis da sua equação, para cada caso — todos eles são animados de determinada velocidade inicial (a velocidade do avião, para as bombas aéreas, e a velocidade resultante da expansão dos gases da pólvora, nas granadas de artilharia) e influenciados pelas condições atmosféricas locais e do momento (pressão, temperatura, estado higrométrico, etc.).

mais simples. Só sensaborões egoístas ou maníacos *«gente metida consigo, que leva a sua vida direitinha e não deve nada a ninguém»* como os elogiava, entre dois bocejos fartos, o pai — lhes aturavam a gabarolice farfalhada e vazia, com a má criação sempre pronta a estoírar o esmalte do que cuidavam fidalgamente digno.

Os parentes de Violeta — «pobretes mas alegres» como exprime o povo — não andavam sempre a chorar misérias, prosseguiram no festejar contente de aniversários da família, no receber, como em tempos melhores, quem os visitava.

Isso os fazia detestáveis e odientos aos Coelho. (Já o terem empobrecido os desqualificava...)

Dona Gabriela viu Alfredo a sorrir para a «pequena do Aragão»!

Fechou-lhe desde logo, estrondosamente, a janela. Chamou-lhe logo — e à Mãe, e ao Pai... — quantos cognomes inventam colarejas e carqueijeiros.

Como diferença mais evidente, o projectil do aeroplano vai, desde o ponto da queda ao objectivo, animado dum movimento uniformemente acelerado (trajectória parabólica) e a granada de artilharia percorre parte da sua trajectória em movimento uniformemente retardado e termina-a no mesmo movimento acelerado. Mas, em qualquer dos casos, é possível determinar, com rigor, a equação da curva descrita, de harmonia com todos os elementos que caracterizam o tiro (forma da granada, peso, velocidade inicial, aceleração da gravidade local, altura, distância, resistência do ar, condições atmosféricas, etc.), e a partir dela, o ângulo de tiro.

Organizam-se, portanto, para cada caso que pode apresentar-se, tabelas de tiro. Assim, o aviador, conhecendo a altura de vôo, a velocidade e a posição exacta em relação ao objectivo, dispondo de visores ópticos de bombardeamento de grande precisão, pode bater, a grande altura, objectivos militares ou não militares, sem erros muito sensíveis.

...E, nessa noite, foi o feitor saber a casa do avô de Violeta, quando a menina se ia embora!

Violeta — Alfredo soube-o quando já a namorava — chorou muito, ao fazerem-na sentir-se uma pobrezinha indesejável.

* * *

Hoje, o Alfredo tem mais de trinta anos e um organismo combatido, pôdre, — menos, todavia, do que a alma, que lhe brotara e se mantivera durante algum tempo ainda, através da asfixia familiar, — impulsiva e clara.

Poderia haver sido venturoso com a Violeta — ou com a corista.

Enche de pancada a mulher — a tal Marta, de voz horrível — com quem se ligou para ralar os pais...

Estrêla casou com um agrônomo alentejano a quem arruina no editar de livros sem conta. Chamou ao último: «Pétalas ao vento» — mas o marido, êsse, não é homem para lhe bater.

Cinema

UM NOVO FILME PORTUGUÊS

A cinematografia portuguesa vai apresentar um novo film, em moldes até agora inexplorados. O leitor conhece, tão bem como eu, o sentido regionalista que sempre tem inspirado os nossos cineastas, dando-nos produções que, regra geral, estão circunscritas ao âmbito das nossas plateias e, consequentemente, impossibilitadas de ser compreendidas por quem não conheça o nosso «clima» característico. O sucesso esperado de qualquer dos nossos filmes não se baseia, quasi sempre, senão num motivo de feição regional, numa paisagem tanto quanto possível bem explorada, num faduncho melhor ou peor que todos os outros e interpretado com «sintimento», enfim, nuns não sei quantos expedientes de exploração «sintimental» que todos nós decorámos já. Se ha a mira no mercado brasileiro, importa-se um actor ou uma actriz carioca e pronto. E' limpinho... E, não temos ido mais além. Não fizemos ainda nada verdadeiramente sério, com qualquer «coisa» lá dentro.

E' claro que se chama a isto fazer cinema «comercial», cinema que dê dinheiro. Não discuto a legitimidade intelectual de tais processos que podem fundamentar-se nas dificuldades de ordem financeira que atingem a indústria cinematográfica. Mas não resta dúvida que nós, os espectadores, não temos disso culpa alguma, nem queremos saber como o assunto possa ser solucionado. Limitamo-nos a verificar esta verdade evidente: os produtores cinematográficos, como a maioria esmagadora dos autores teatrais, contentam-se com a explora-

ção das «fraquezas» do público. E ainda ha quem fale da função educativa do cinema e do teatro... A não ser que educar seja transigir. Então, está certo.

Conheço um empresário na provincia que, quando tem uma série de desastres de bilheteira, manda ir a «Severa». E, pronto: consegue imediatamente um consolador «superavit». Dois, três, quatro dias de exhibição são outros tantos dias de pasmosas enchentes com povinho da terra e dos arredores, que chora desalmadamente a ouvir a «Rua do Capelão».

Um sucesso!
Pois é verdade. Vamos ter um filme diferente, um filme que, segundo parece, tanto poderia ter-se passado aqui como na Cochinchina. Parece que, desta vez, não ha fados. Mas não garanto. Ha, todavia, armas automáticas — ou semi-automáticas, para o caso tanto faz — e tiros. Ha lutas com quadrilhas internacionais, invenções diabólicas, laboratórios pelos ares, perseguições vertiginosas, etc. etc. E ha também o «fiosinho» sentimental. Pudera... O público rebola-se com estas coisas.

Enfim, vamos ver. Temos, pelo menos que apreciar a imaginação de um autor consagrado no género a que se dedica e que agora o transportou para o cinema. E, este género permite, por vezes, surpresas assombrosas em arte cinematográfica. Ha filmes de «gangsters» que são obras primas.

Desejo, sinceramente, que o novo filme português o seja. Por todos os motivos.

J. R.



Uma tremenda explosão abalou a terra. Eis uma das cenas do novo filme português, «Pôrto de Abrigo»



TUFÃO!

O filme das paixões ardentes, inteiramente colorido, cuja acção decorre numa ilha dos trópicos. Os dois mais belos intérpretes do écran, Dorothy Lamour e Robert Preston. No cenário fantástico duma natureza em flôr, o amor, supremo cântico da vida, nos seus mais extraordinários arrebatamentos. Pela primeira vez, a câmara foca, em imagens de poderoso relêvo, um grandioso tufão. Este poderoso filme é a mais extraordinária realização técnica de todos os tempos.

MUNDO GRÁFICO



O Rei Jorge VI
com a Rainha Isabel
durante
uma visita
a um arsenal
do sul da Inglaterra